

Um menino de Campinas

CMP 21.9.46

Celso Maria de Mello Pupo

Ha cem anos, em 28 de julho de 1865, nascia em Campinas um menino filho das mais distintas famílias da Província. Seu pai, que ainda moço se preparara com o fito de ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo, dedica-se ao ensino tornando-se o professor estimadíssimo em Campinas, e fundador e proprietário do primeiro internato masculino da região, instalado em propriedade rural, conforme o hábito das grandes famílias que residiam, todas, em suas fazendas.

Em certa época, interrompeu o seu magistério para ser senhor de uma fazenda que por dote recebeu sua esposa. Coração profundamente generoso, o antigo professor não suportou assistir e dirigir a dura vida agrícola do escravo e devolveu a fazenda ao sogro, voltando ao ensino no qual foi ele estremecido pelos numerosíssimos alunos que teve.

A mãe do menino filha e neta de grandes senhores de engenho, produtores de açúcar, atividade depois mudada para o café, faleceu em 1870, deixando o menino órfão aos cinco anos de idade, transmitindo-lhe também altas qualidades, pois era filha de um patriarca, pais de trinta e quatro filhos, e tão bondoso e honrado que mereceu do ministro suíço Von Actuldi que vier a inspecionar a vida dos colonos de seu país, a referência de ser "de demasiada bondade".

Privado do carinho materno, passou o menino para a companhia de amorosíssima e dedicada tia materna. Nascido e criado em meio escolar, teve sua cultura básica haurida dos ensinamentos do pai e dos professores do mesmo colégio, especialmente trazidos das cidades maiores, alguns estrangeiros, cultos e com destaque na vida do ensino pátrio.

Quando adolescente, a sua família, em conselho, discutiu o seu futuro. O seu tio afirm, marido da tia que dele cuidara na orfandade, era interessado no comércio de café em Santos, onde tinha grandes amizades; o sobrinho podia ser para ali encaminhado à uma vida em comércio florescente e futuroso. Seu avô paterno, também em Santos, havia sido abastado comissário de açúcar, deixando à família um conceito honroso.

E para Santos foi o nosso moço, onde iria trabalhar e continuar estudos adequados à carreira que iniciava e na qual cedo mostrou suas altas qualidades de caráter e inteligência. A firma do Comendador Manuel Antonio Bitencourt, acolheu-o com a consideração que merecia o recomendado de Campinas, mas para iniciar em posição modesta, como se usava então, tempo em que a ascensão às altas posições se fazia pelo mérito e não pelo protecionismo.

Logo estimado na sua nova terra, tendo por antepassados homens públicos servidores da coletividade, ao atavismo juntou o exemplo dos maiores, no seu bondoso coração, para nascer-lhe um idealismo sadio, um profundo sentimento de solidariedade humana, um bem querer ascendra-

do à coletividade e um espírito público dos mais elevados. Não demorou em participar da fundação e organização da "Boemia Abolicionista", o grupo de moços que propagava as ideias da libertação dos escravos e protegia estes infelizes foragidos em Santos que se tornou a cidade dos libertos.

Trata desta "Boemia Abolicionista", a "Historia de Santos" escrita por Francisco Martins dos Santos, registrando os nomes dos seus fundadores. Este grupo de moços protegia todos os escravos fugidos, sustentava-os, alforriava muitos num generoso sentimento cristão. Sua atuação tornou-se notável, não só pela dedicação dos moços componentes como pela repercussão dos seus trabalhos que logo empolgaram toda a sociedade santista e até as suas autoridades.

Tudo faziam os moços da "Boemia"; de uma feita trouxeram a Santos o grande tribuno Lopes Trovão para uma conferencia no Teatro Guarani, ainda existente na Praça dos Andradas, em espetáculo que constou também de ato dramático representado pelos moços transformados em amadores. Das entradas pagas, reuniram o preço de um escravo, filho de escravo mas de tez branca, que no mesmo espetáculo, no palco, recebeu a carta de alforria. O moço campineiro foi um dos organizadores e um dos atores, como sempre fazia.

As ideias republicanas espalhavam-se pelo país e Santos se tornou logo um reduto dos adeptos da nova forma de governo. Moços, ávidos das coisas novas, deram logo seu apoio ao grupo dos batalhadores, fazendo do campineiro um republicano histórico.

Por esta altura de sua vida, já com 22 anos de idade, preso aos sentimentos de uma jovem de 17 anos, o moço pensou no seu futuro. Aqui paramos e umidecemos os olhos ao fazer a leitura de sua carta dirigida à tia campineira que o acariciou na orfandade, para, com submissão e apreço, pedir licença para casar-se; e dizia falando de sua pretendida: "é virtuosa em extremo, muito modesta, tem bastante amor ao trabalho, possui magnifico coração e pertence à uma respeitável familia muito considerada aqui".

Casou-se em 1888 e teve catorze anos de felicidade no seu lar. Neste periodo, que foi trabalhoso, suportou a febre amarela que o obrigou, depois, a viver algum tempo em Jau, voltando a continuar sua vida já constituída na cidade litoranea; cedo criou seu patrimônio, moral no conceito firmado, e material em bens constituídos de numerário, terrenos e na fazenda São Luiz na hoje cidade de Itapuí, conforme inventário que teve o poeta Vicente de Carvalho por advogado, feito após o falecimento de sua jovem esposa em 1902. Então, já era interessado em firma comissária de café.

Casou-se segunda vez em 1904, com prima irmã de sua primeira esposa, e passou a dividir sua residencia entre Santos e São Paulo, tendo dos

dois casamentos, sete filhos, além dos falecidos na infancia.

Recusando, invariavelmente, cargos públicos, teve ininterrupta atividade nas lides republicanas. Participou de uma dissidencia no Partido Republicano e foi um dos fundadores do Partido Municipal em opposição até o conagraamento que fez chefe da politica de Santos o seu companteiro e amigo Antonio da Silva Azevedo Junior, depois deputado e senador Estadual.

Homem de grande visão, previa para a Praia Grande, então completamente deserta, o gigantesco futuro que hoje estamos assistindo. Adquiriu ali enorme área de terras, mais de trezentos alqueires, com boa frente para o mar, terras cortadas pela estrada de ferro de Santos a Itanhaem. Seguro do futuro da região, obteve licença e constituiu à sua custa, uma estação que foi chamada de Pedro Taques, e junto a ela a primeira casa do local, projetando e fundando uma povoação, hoje existente. Nas terras internas da propriedade, possuiu grande bananal, tendo socios que lhe foram ingratos e lhe causaram grandes dissabores.

A sua atividade, constante vigilancia é movimentos de divulgação, deve-lhe a Praia Grande o abreviamento da chegada do progresso que empolga esta maravilhosa faixa litoranea do nosso Estado. Juntando-se à classe dos proprietários bananicultores, foi ativo e dedicado em sua sociedade, assim como tinha sido na Associação Commercial de Santos, o órgão que reunia e defendia o comércio de café, do qual foi um dos mais perfeitos conhecedores e classificadores da praça.

Vem-lo ainda no seu constante otimismo, no seu entusiasmo por São Paulo, na sua segurança de que a capital do Estado ainda seria a maior cidade do mundo. Jovial, de cativante gentileza e irradiante simpatia, bonito e educado, usufruia sólidas amizades de amigos leais, não se livrando, porem, de maus inimigos contrariados com o seu alto espirito de justiça que ele sobrepunha a qualquer interesse, a qualquer sentimento que devesse ser contrariado.

Enamorado da natureza, amante dos livros, tinha pendores literarios e musicais que o deliciavam nas horas de lazer. Verdadeira e profundamente caridoso, nunca recusou auxilio aos necessitados, distribuindo-os muitas vezes com sacrificio mas sempre na clausura da modestia que o caracterisava. Exemparissimo chefe de familia, por ela se sacrificava sem o menor queixume, sempre bondoso, sempre carinhoso e complacente, vendo na felicidade e na união dos seus filhos, a sua propria felicidade.

Este cidadão util servidor da sociedade, magnanimo para com os seus semelhantes, extremado para com os seus filhos, e que ora faria cem anos de nascimento, campineiro que amou e honrou o seu berço, chamava-se Luciano Pupo Nogueira e era meu pai.